

## 2

# A Geopolítica

### 2.1

#### Introdução

A abordagem geopolítica permitiu a compreensão da influência de fatores geográficos nas decisões políticas dos Estados do Sistema Internacional. As duas escolas de geopolítica, a teoria do Estado Orgânico e a de Geoestratégia desenvolveram um arcabouço teórico que explica como a geografia seria fundamental para definir a prática política dos Estados.

A teoria Organicista desenvolveu importantes conceitos como o ‘espaço vital’ e a ‘lei de crescimento dos espaços’, no entanto, a influência das ciências naturais e do darwinismo em seu arcabouço teórico, tornou a geopolítica em uma espécie de teoria do ‘determinismo geográfico’. A Geoestratégia, por seu lado, conseguiu desenvolver uma teoria sistêmica que fornecia recomendações políticas e estratégicas para serem aplicadas pelos governantes dos Estados. Dentre os autores que mais se destacaram nesta escola estava Mackinder que desenvolveu a teoria do ‘coração continental’, região central da Eurásia que não poderia ser atacada por uma potência marítima e que teria o potencial de dominar todo o mundo através de sua fortaleza continental.

Neste trabalho, foram utilizados conceitos oriundos da Geoestratégia de Mackinder. Através de uma análise geopolítica para a região do Golfo Pérsico o conceito de ‘coração continental’ foi adaptado para explicar o caráter geográfico único da região que possui dois terços das reservas de petróleo mundiais. Desta forma, o Golfo Pérsico seria o *coração energético mundial*, uma vez que era responsável pelo abastecimento energético da maior parte do mundo. Conseqüentemente, garantir o acesso aos recursos petrolíferos oriundos do coração energético mundial se tornou uma questão de interesse vital para os Estados dependentes de energia importada.

É a partir deste arcabouço teórico que este trabalho analisou o relacionamento entre os EUA, maior consumidor mundial de energia, e os Estados do Golfo Pérsico, detentores da maior reserva petrolífera mundial. Para analisar a política americana para a região do Golfo Pérsico foram utilizados conceitos de autores contemporâneos da escola de Geoestratégia.

## 2.2

### A Geopolítica como área de estudo

A geopolítica como área de estudo se desenvolveu no fim do século XIX. A consolidação do Sistema de Estados moderno com a unificação da Alemanha e da Itália, o apogeu do Imperialismo europeu, o aparecimento dos EUA e do Japão como novas potências imperialistas, o rápido crescimento populacional e a conseqüente pressão sobre os recursos naturais, foram fatores fundamentais que contribuíram para o aparecimento desta nova disciplina.

Dentre os estudos de geopolítica que surgiram neste período mais de uma corrente teórica distinta poderia ser destacada. Alguns acadêmicos consideravam o Estado como organização estática fortemente assentada sobre sua base geográfica, já outros afirmavam que a geopolítica “abarca o conflito e a transformação, a evolução e a revolução, o ataque e a defesa, a dinâmica dos espaços terrestres e as forças políticas que lutam nestes (espaços) para sobreviver”. (WEIGERT, 1943, p. 24) Como era um novo campo de estudo, muitos pesquisadores começaram a desenvolver seus trabalhos sem a presença de um conceito preciso sobre o que realmente seria a geopolítica, deste modo, cada autor ou escola escolheu a definição de geopolítica que melhor correspondia aos seus objetivos.

Ainda hoje não há uma classificação única para definir as diferentes correntes teóricas da geopolítica que surgiram no fim do século XIX. Desta forma, alguns acadêmicos contemporâneos ao estudar geopolítica utilizam uma divisão em escolas a partir dos países de origem de cada autor. Assim, Halford Mackinder (1861-1947) seria o fundador da escola de geopolítica inglesa; Ratzel (1844-1904) o fundador da escola alemã; Vidal de La Blanche (1845-1918) da escola francesa e Alfred Mahan (1840-1914) seria o fundador da escola norte-americana de geopolítica. (CÉLERIÉR, 1969, p.11)

Tal divisão em escolas a partir do país de origem dos teóricos de geopolítica não parecia ser a ideal para este trabalho, já que autores de diferentes países, muitas vezes, possuíam mais semelhança teórica do que autores de um mesmo país. Martin Ira Glassner (1993, p. 223) propôs uma divisão do pensamento geopolítico em duas correntes fundamentais. A primeira corrente da geopolítica emergiria do darwinismo social, teoria bastante difundida no século XIX, e teria

como principais teóricos Friedrich Ratzel e Rudolf Kjellen, sendo denominada de “Teoria do Estado Orgânico”. A segunda corrente iria se basear mais em fatos geográficos e políticas que poderiam ser influenciadas por estes fatos; esta corrente foi chamada de “Geoestratégia” e teve Alfred Thayer Mahan e Halford J. Mackinder como principais teóricos no século XIX.

Depois da Primeira Guerra Mundial, a geopolítica foi utilizada como fonte de informações e de práticas políticas, e se tornou uma espécie de “guia de ação” para as decisões acerca da política externa dos Estados, sendo chamada de “geografia política aplicada”. (MELLO, 1999, p. 74) Porém, este conceito foi distorcido durante o período do interguerras por geógrafos alemães que abarcaram alguns conceitos básicos da geopolítica modificando-os de acordo com seus interesses e fundando uma pseudociência denominada *geopolitik*. Esta não foi considerada uma terceira escola de geopolítica na classificação de Glassner devido ao seu caráter “não científico, chauvinista, agressivo e antidemocrático”. (1993, p. 223) Segundo Mello (1999), a *geopolitik* alemã que tinha como principal mentor o General Haushoffer se transformou em uma “pseudociência ou, mais precisamente, numa ideologia geográfica, manipulada por alguns círculos político-militares para legitimar a política de poder do III Reich”.<sup>5</sup> Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a *geopolitik* desapareceu e deixou como legado muita destruição física e intelectual, tornando-se “um subproduto espúrio e ilegítimo da geopolítica”. (MELLO, 1999, p.74)

### 2.2.1 A Teoria do Estado Orgânico

Friedrich Ratzel foi o precursor da Teoria do Estado Orgânico, ou teoria Organicista. (SANTOS, 1993, p. 8) Professor de Geografia em Leipzig foi um geógrafo formado inicialmente em biologia e química. Devido à influência das descobertas de Darwin e do darwinismo social, sua obra mais importante "Geografia Política" (1896) utilizou metáforas da biologia em sua análise de ciência política e da geografia, comparando o Estado a um organismo vivo. Ratzel

---

<sup>5</sup> Não cabe a este análise uma discussão mais detalhada acerca da *geopolitik* alemã durante a Segunda Guerra Mundial. Para o presente trabalho basta à constatação de que a *geopolitik* alemã nunca foi uma escola de geopolítica. A *geopolitik* de Haushofer foi objeto de longa e exaustiva investigação do geógrafo americano Hans W. Weigert em seu livro *Geopolítica: generales y geógrafos*. (WEIGERT, 1943)

centrou sua análise da geografia humana e em particular da política sobre os princípios da ciência natural e da biologia, e segundo Weigert “este aspecto biológico chegou a ser, sob a sua influência, a característica principal da geopolítica”. (WEIGERT, 1943, p. 103)

A “geografia política” de Ratzel se propôs a estudar os fundamentos que governam as relações entre a terra e os Estados. A base de sua tese era que os homens e a sociedade humana dependiam diretamente do solo em que viviam, “todas as atividades da raça humana, e em particular dos grupos humanos, a nação e o Estado, deveriam ser vistas sobre o fundo de seus verdadeiros 'fundamentos', fundamentos estes que estão na superfície da terra”. (Op.Cit, p. 106) Desta forma, os grupos humanos só teriam liberdade dentro de certos limites naturais, como por exemplo, a qualidade da terra e as diferenças de altitude.

Segundo Ratzel, o homem deveria ter consciência dos limites naturais e trabalhar dentro destes limites, levando em consideração as leis do espaço (*Raum*) que seriam vitais para o homem viver e crescer. A falta de espaço condenaria o homem a perecer individual e coletivamente. Assim “na vida das nações a relação do homem com o espaço encontra sua última expressão na guerra, porque os Estados lutam entre si a fim de ganhar espaço”. (Op.Cit) Esta avidez crescente por espaço decorreria do fato do Estado ser um organismo vivo, deste modo, a falta de território significaria a falta de órgãos do corpo político.

Deste modo, se faltassem os órgãos do corpo político, o Estado deveria providenciar meios para adquiri-los, caso contrário, o Estado como ser orgânico perderia a força e pereceria. Como nem sempre era possível conquistar territórios de um inimigo fortalecido, o Estado deveria procurar suas conquistas entre os Estados mais débeis e enfraquecidos, conseguindo assim alimentar sua fome de território e assegurar a sua sobrevivência.

Ratzel desenvolveu um dos conceitos mais importantes para a teoria do Estado orgânico, o conceito de *lebensraum* ou espaço vital. Segundo este conceito, assim como o organismo necessitaria de ar para respirar, o Estado necessitaria de espaço vital e de recursos para sobreviver. Os Estados competiriam de forma constante pelo espaço vital,

*“O espaço, o elemento em que respira o corpo político e que, devido ao impulso das leis da natureza se expande e cresce, se converte assim em parte inseparável do organismo vivo do próprio Estado; o espaço é lebensraum, espaço vital”.* (Op.Cit, p. 107)

Ratzel desenvolveu de forma sistemática em seu ensaio “Sobre as leis do crescimento espacial dos Estados” as sete leis que determinariam o crescimento dos Estados:

- 1- *O espaço do Estado cresce com a expansão da população que compartilha a mesma cultura.*
- 2- *O crescimento territorial acompanha outros aspectos do desenvolvimento.*
- 3- *Um Estado cresce absorvendo unidades menores.*
- 4- *A fronteira é a periferia orgânica do Estado que reflete sua força e seu crescimento, no entanto, não é permanente.*
- 5- *Estados no curso do seu crescimento procuram absorver territórios políticos valiosos.*
- 6- *O ímpeto de crescimento vai desde o Estado primitivo até a civilização mais desenvolvida.*
- 7- *A tendência com relação ao crescimento territorial é contagiosa e aumenta através do processo de transmissão”.*<sup>6</sup>

Porém, para Ratzel tais leis não deveriam ser analisadas academicamente, elas representavam o postulado político de sua teoria, o propósito destas sete leis do crescimento do Estado era desenvolver no povo um “sentido geográfico”, assim como Ratzel destacou neste trecho:

*“Todo povo tem que ser educado em uma evolução da concepção do espaço desde os menores até os maiores; este processo tem que se repetir uma vez após a outra, a fim de evitar que o povo recaia nas antigas concepções de espaços pequenos. A decadência de cada Estado é o resultado de uma concepção de espaço em declínio”.*<sup>7</sup>

A lei de crescimento dos espaços de Ratzel tinha o objetivo de destacar a importância geográfica sobre a política, no entanto, tais leis se converteram entre os discípulos de Ratzel em um credo político. A partir de então, o espaço e o crescimento espacial se converteram na base do pensamento e da ação geopolítica desta escola.

Dentre todos os discípulos de Ratzel, o principal foi o sueco Rudolf Kjéllen (1864-1922). Professor universitário em Uppsala, cientista político e membro do parlamento sueco, Kjéllen ampliou a idéia de organismo estatal e tornou radicais as analogias de Ratzel com a biologia. Segundo Weigert, Kjéllen “exagerou os aspectos biológicos até que o que restava de humanidade foi sacrificado através de uma cirurgia geográfica da ciência natural” (WEIGERT, 1943, p. 119), tornando o Estado em um “super organismo” ele subordinou todos os aspectos políticos às leis biológicas. Segundo Kjéllen:

<sup>6</sup> Ratzel Apud. GLASSNER, 1993, p. 224.

<sup>7</sup> Ratzel Apud. WEIGERT, 1943, p. 113.

*“O Estado mesmo é a terra, é, em certa medida o solo ‘organizado’(...) A essência do Estado como organismo se compõe de elementos jurídicos e elementos de força: como toda a vida individual existente sobre a terra, consiste não somente em moralidade, senão também em desejos orgânicos (...) Os Estados, tal como (podemos) seguir seu curso na história e tal como nos movemos entre eles e no mundo das realidades são seres materiais e racionais, exatamente iguais aos seres humanos (...) O Estado se apresenta a nós, não como uma forma casual de simbiose humana, artificialmente envolta em noções jurídicas, e sim como um fenômeno orgânico profundamente enraizado em realidades históricas e, de fato, como o ser humano individual. Em uma palavra: o Estado emerge como uma manifestação biológica ou forma de vida”.*<sup>8</sup>

No seu livro "O Estado como manifestação da vida" (1916), Kjéllen utilizou pela primeira vez o termo geopolítica (*geopolitik*) e autarquia (*autarky*). Em sua obra, Kjéllen definiu a geopolítica como a ciência que concebe o Estado como um organismo geográfico ou como um fenômeno no espaço: "geopolítica é o estudo do Estado como organismo geográfico, isto é, como fenômeno localizado em certo espaço da Terra, logo do Estado como país, como território, como região ou, mais caracteristicamente, como domínio político (*Reich*)". (SANTOS, 1993, p. 7)

Kjéllen asseverou ainda que o resultado da crescente necessidade de espaço vital ocasionava uma constante competição entre os Estados, desta forma, os maiores e mais fortes teriam mais chances de sobreviver porque poderiam estender seu poder sobre os Estados menores. Kjéllen acreditava que o mundo teria “apenas alguns Estados muito grandes e extremamente poderosos”. (GLASSNER, 1993, p. 224) A partir deste conceito de super-Estado, o autor acreditava que a Europa seria formada por apenas um único grande Estado liderado pela Alemanha.

A análise dos principais conceitos desenvolvidos pela escola Organicista de geopolítica evidenciou o caráter determinista de tal corrente teórica com relação às ações empreendidas pelos Estados. Conceitos como o ‘espaço vital’ e a ‘lei de crescimento dos Estados’ desenvolvidos por esta escola, indicavam uma espécie de “mão única” para a política externa dos Estados.

Segundo esta corrente teórica, o Estado objetivando garantir sua própria sobrevivência necessitaria de forma crescente de espaço (*Raum*). Para conseguir mais espaço era preciso que o Estado pudesse expandir suas fronteiras através da guerra contra outros Estados. Para a ‘lei de crescimento dos Estados’ a guerra era

---

<sup>8</sup> Kjéllen, Apud. WEIGERT, 1943, p. 119.

conseqüência de uma 'lei natural' que asseverava a importância do espaço vital para a sobrevivência da entidade política estatal. Desta forma, todos os demais Estados seriam inimigos em potencial, já que poderiam atacar um ao outro em busca de mais espaço vital.

No entanto, a teoria Organicista foi a primeira corrente teórica a tentar correlacionar os fatores geográficos com as necessidades estatais e desenvolveu importantes conceitos geopolíticos que são utilizados até os dias de hoje para indicarem a condução da política externa de muitos Estados. Porém, devido principalmente às analogias com a biologia, uma ciência natural, a escola Organicista tornou-se uma espécie de 'teoria do determinismo geográfico'. (STRAUZ-HUPÉ, 1942, p. 51) Esta escola subordinou o homem e o Estado às leis biológicas naturais. O homem e o Estado não possuiriam nenhuma capacidade de tomar decisões ou mudar o curso da história.

Segundo esta corrente teórica não adiantaria tentar subverter as leis, o homem deveria se conformar com a preponderância da geografia sobre suas ações e agir consciente da sua condição de subordinado com relação aos fatores territoriais. Em conseqüência do materialismo geográfico-biológico desta escola de geopolítica, os conceitos desenvolvidos por Ratzel e Kjéllen não foram utilizados neste trabalho. No entanto, a Geoestratégia forneceu o arcabouço teórico necessário para este trabalho, uma vez que enfatizou a presença de recursos naturais vitais para compreender as relações entre os Estados.

### **2.2.2 A Geoestratégia**

Enquanto os participantes da escola de pensamento do Estado Orgânico tinham como preocupação fundamental o Estado, os acadêmicos da chamada Geoestratégia privilegiavam uma análise do Sistema de Estados. Eles procuravam encontrar modelos de comportamento para este sistema de unidades estatais com o objetivo de formular estratégias de ação para os Estados.

Por possuírem uma visão global dos aspectos geopolíticos, eles também recomendavam políticas e estratégias a serem seguidas pelos governantes dos Estados. Neste trabalho foram utilizados os conceitos desenvolvidos por esta escola, e mais especificamente por Halford J. Mackinder (1861-1947). Porém para

a compreensão do trabalho de Mackinder é preciso entender o ‘pano de fundo’ em que sua teoria foi produzida. Para tal, é necessário conhecer o trabalho de seu antecessor: Alfred Tahan Mahan (1840-1914).

Alfred Tahan Mahan foi um almirante americano que desenvolveu a teoria do poder marítimo.<sup>9</sup> Mahan argumentou que o controle das rotas marítimas era muito importante para proteger o comércio e assegurar o bem estar econômico dos Estados. O almirante fez recomendações específicas para a política externa americana baseada em seus estudos de história, sua experiência militar e seus conceitos de Geoestratégia. (GLASSNER, 1993, p. 225) Ele defendia que os EUA deveriam ocupar as Ilhas do Havaí, tomar o controle do Caribe, e construir um canal que ligasse o Oceano Pacífico ao Atlântico. A administração do Presidente Theodore Roosevelt utilizou grande parte do trabalho produzido por Mahan como base para a política externa americana, “o poder marítimo de Mahan tornou-se a bíblia dos defensores do destino manifesto estadunidense e dos partidários da política de expansão do poderio naval norte-americano”. (MELLO, 1999, p. 15)

De acordo com a estratégia desenvolvida por Mahan, os EUA deveriam assegurar uma incontestável hegemonia no Continente Americano, conter o expansionismo japonês no Extremo Oriente e, em médio prazo, arrebatar da Inglaterra a supremacia marítima mundial.

É neste cenário que surgiu Sir Halford J. Mackinder.<sup>10</sup> Enquanto Mahan enfatizou o poder marítimo, Mackinder anteviu que a era de ouro do poder naval havia chegado ao fim. Em 25 de Janeiro de 1904, na Real Sociedade Geográfica de Londres, Mackinder proferiu a palestra intitulada “O Pivô Geográfico da História” (GLASSNER, 1993), onde esboçou sua teoria do poder terrestre.

Na palestra para a Sociedade Geográfica de Londres, Mackinder alertou sobre a importância da região pivô, posteriormente denominada de ‘coração continental’ (*heartland*). O ‘coração continental’ era o território entre a Alemanha e a Rússia que seria o centro vital da Eurásia. A importância de tal região se devia a sua inacessibilidade através do mar, era uma região central e protegida de um eventual ataque militar de uma potência marítima. Desta forma, o ‘coração

---

<sup>9</sup> Mahan, A. T., Apud. GLASSNER, 1993, p. 226.

<sup>10</sup> Mackinder foi professor de geografia na Universidade de Oxford e diretor da Universidade de Economia e Ciência Política de Londres. Com o seu trabalho, ajudou a colocar a geografia em um nível de destaque entre as disciplinas na Inglaterra. Ele também foi membro do parlamento inglês de 1910 até 1922. GLASSNER, 1993, p. 226.

continental’ poderia se tornar o poder terrestre capaz de dominar todo o mundo através de sua fortaleza continental, como Mackinder expressou na sua famosa hipótese:

*“Quem domina a Europa oriental controla o coração continental; quem domina o coração continental controla a ilha mundial; <sup>11</sup> quem domina a ilha mundial controla o mundo”.* <sup>12</sup>

A proposição teórica de Mackinder foi original na medida em que a Europa: “(a) foi deslocada do centro para o oeste do planisfério, (b) tornou-se parte integrante de um sistema político fechado, e (c) sua história foi subordinada à dinâmica da história asiática”. (MELLO, 1999, p. 12) Mackinder construiu esta teoria com base numa nova concepção geográfico-histórica, através do estabelecimento de umnexo de causalidade entre geografia e história. Segundo Weigert:

*“Mackinder baseia toda a história em uma idéia compreensiva acerca da influência da pressão asiática sobre a Europa e sobre a civilização ocidental. Partindo dela, (Mackinder) desenvolve uma concepção geográfica do mundo que se amplia, por sua vez, até chegar a ser uma visão geopolítica global”.* (WEIGERT, 1942, p. 139)

Para o desenvolvimento de uma nova concepção geográfica de mundo, Mackinder precisou formular conceitos que foram à base de sua teoria. Em 1904, quando Mackinder proferiu sua famosa conferência na Real Sociedade Geográfica de Londres, a expansão das grandes potências européias estava quase concluída, todo o mundo estava praticamente explorado e ocupado pela Europa. Assim concluía-se o ciclo histórico que Mackinder chamou de ‘Era Colombiana’:

*“Quando em um futuro remoto os historiadores olhem em direção ao século que estamos passando agora, e o vejam da forma como vemos hoje as dinastias egípcias, é muito provável que descrevam os últimos quatrocentos anos como uma Era Colombiana, e digam que terminou pouco depois do ano de 1900”.* (MACKINDER, 1996, p.536)

Estas palavras de Mackinder denotaram sua intenção de compreender o mundo como uma unidade. Segundo o autor, a exploração geográfica do mundo tinha chegado praticamente ao fim, o mapa mundial tinha se completado nos quatrocentos anos de exploração e expansão européia. Assim, os homens se encontrariam novamente com as barreiras de um sistema político fechado que seria, não obstante, de amplitude mundial.

<sup>11</sup> Mackinder denominou de ilha mundial um “supercontinente” que abrangeria toda Eurásia e África.

<sup>12</sup> “Who rules East Europe commands the Heartland; Who rules the Heartland commands the World-island; Who rules the World-Island commands the World”. GLASSNER, 1993, p. 226.

A Era Colombiana havia se iniciado quatro séculos antes, a partir de dois movimentos simultâneos realizados a partir de dois pontos extremos da Europa. O primeiro movimento foi o périplo africano realizado pela expansão marítima portuguesa pelo Atlântico, em busca do caminho para as Índias; o segundo movimento, partiu do Grão-Ducado de Moscou, na Rússia, ultrapassou os Montes Urais e chegou até a Sibéria. Embora obscurecida pelas grandes navegações do Ocidente, segundo Mackinder “a irrupção até o Oriente dos povos que atravessaram a Ásia foi um acontecimento de quase tão graves conseqüências políticas como a volta ao Cabo da Boa Esperança”. (MELLO, 1999, p.28) destacou que a conquista das estepes siberianas pelos russos produziu importantes conseqüências pelo fato de ter sido a conquista da mais extensa massa territorial contínua do planeta.

Esta dupla expansão, rumo ao Ocidente através das Grandes Navegações e rumo a Oriente com a conquista da mais extensa massa territorial contínua do planeta pelos russos, era para Mackinder a formação do que seria no futuro, o embate do poder marítimo *versus* o poder terrestre pela hegemonia mundial.

Finalmente, o terceiro surto expansionista, na África e na Ásia, integrou as diferentes regiões da superfície terrestre numa sociedade internacional unificada. Com a invenção do barco a vapor e das grandes ferrovias que ligavam continentes distantes, todas as novas regiões descobertas nos últimos quatrocentos anos estavam sendo interligadas por uma poderosa rede que unia todo o planeta na esfera econômica e política.

Na era pós-Colombiana não existiriam mais terras a serem exploradas ou oceanos a serem conquistados. Todo o planeta já teria sido conquistado e explorado. Politicamente, a sociedade internacional encontrava-se fragmentada em Estados organizados de forma anárquica. O mercado mundial estava dividido de forma desigual em esferas de influência e impérios coloniais. Desta forma, aqueles países que haviam se constituído em Estados nacionais primeiro, lançaram-se rapidamente em busca de conquistas coloniais e de esferas de influência, este é o caso da França e da Inglaterra. Porém países que se constituíram em Estados nacionais tardiamente foram prejudicados, pois, quando se lançaram a explorar as novas terras e rotas oceânicas só restavam “pântanos e desertos” como asseverou Bismarck, sobre o caso da Alemanha.

Na falta de novas terras a serem exploradas, as novas potências mundiais ávidas por uma nova divisão do mercado mundial começaram o processo de corrida armamentista que seria o responsável pela eclosão da crise européia na virada do século. Porém, o que poderia ter sido mais uma guerra regional européia se tornou, na verdade, uma guerra mundial. Isto devido à nova realidade de um sistema político fechado e global apontado por Mackinder dez anos antes da eclosão da crise. Em uma nova conferência realizada para a Real Sociedade Geográfica, em 1935, Mackinder asseverou:

*“Não é a crise que hoje penetra em todas as atividades humanas e em quase todo pensamento amplo, essencialmente geográfica em sua origem? A humanidade adquiriu em um golpe de consciência o mundo e se assustou. As nações correram para suas casa e estão trancando suas portas. Deu-se conta que no futuro terão que viver num sistema fechado, e nada poderão fazer que não repercuta, de forma violenta sobre eles, até mesmo as ações oriundas do lado oposto do planeta. Em uma época que pode tornar-se cruel, porque está aprisionada, o primeiro impulso foi assegurar seus castelos de refúgio”.*<sup>13</sup>

Neste novo sistema mundial fechado, o raio de ação era todo o planeta. Desta forma, a partir deste momento seriam raros os eventos isolados no globo e com pouca repercussão. Crises ocorridas mesmo nos rincões do mundo teriam impacto no epicentro do sistema, afetando a ordem internacional. Portanto, a partir do fim da época colombiana, qualquer explosão de forças sociais, a exemplo da rebelião dos boxers na China, teria repercussão mundial:

*“De agora em diante, na era pós-colombiana, novamente nos defrontaremos com um sistema político fechado e, o que não tem menos importância, a sua esfera de ação será o mundo inteiro. Todas as explosões de forças sociais que se produzam, em vez de se dissiparem num circuito circunvizinho de espaço desconhecido no qual dominam a barbárie e o caos, serão fielmente refletidas desde os mais distantes rincões do globo e, devido a isso, os elementos débeis do organismo político e econômico do mundo serão destruídos”.* (MACKINDER, 1996, p. 537)

O conceito de *mundo como sistema político fechado*, desenvolvido por Mackinder em sua palestra na Real Sociedade Geográfica de Londres, possuía uma grande capacidade explicativa acerca da nova realidade mundial que se iniciou no fim do século XIX. Este conceito, considerado nos dias de hoje, parece óbvio, uma vez que a denominada 'globalização' deixou de ser apenas um conceito teórico discutido nos círculos acadêmicos e se tornou uma expressão vulgar conhecida e falada em todo o mundo. Porém, é necessário considerar que na época

em que Mackinder escreveu seu trabalho, a Europa encontrava-se em uma posição central e hegemônica e as proposições teóricas de Mackinder correspondiam a uma ‘revolução copernicana’ no pensamento político da época. As teorias difundidas até então estavam envolvidas em um forte preconceito com relação às outras civilizações mundiais, e destacavam a superioridade do homem europeu em comparação aos ‘bárbaros’ do Oriente ou aos ‘povos primitivos’ da América e da África. (MELLO, 1999)

A construção do conceito de *mundo como sistema político fechado* e a conseqüente repercussão de eventos localizados por todo o globo, permitiu a correlação entre generalizações geográficas e históricas. A partir destas correlações, Mackinder pôde desenvolver o conceito da *causalidade geográfica na história universal*. (Op.Cit.) Segundo o geógrafo britânico, os quatrocentos anos de exploração mundial ofereceram uma oportunidade única para a humanidade de total integração do globo terrestre. Desta forma, já seria possível generalizar e relacionar as realidades geográficas com a história mundial.

Mackinder então, começou a identificar quais as características físicas que foram, na história mundial, mais coercitivas nas ações dos homens, procurando “alguns aspectos da causalidade geográfica na história universal”. (Mackinder, 1996, p. 537) Segundo este conceito de Mackinder, os processos históricos seriam condicionados pela realidade geográfica, tais como, o relevo, o espaço, a posição, os recursos naturais e o clima. A geografia física era um dado da realidade que dificilmente seria modificado, mesmo com as inovações tecnológicas. Para Mackinder, a geografia continuaria sendo o fator mais constante na história universal.

No entanto, Mackinder procurou fugir de um materialismo excessivo na construção de sua teoria, reconhecendo que através da *causalidade geográfica* “apenas chego em um aspecto da verdade”. (Op.Cit.) E continuou asseverando que “é o homem e não a natureza que inicia, mas é a natureza quem dirige em grande parte”. (Op.Cit, p.537) Desta forma, Mackinder não objetivava conduzir sua teoria dentro de um paradigma excessivamente determinista, mas sim destacar as restrições que a geografia imprime à liberdade de escolha do homem. Neste

---

<sup>13</sup> Discurso de jubileu na Real Sociedade Geográfica em 13 de maio de 1935. WEIGERT, 1942, p. 145.

sentido seria correto afirmar que era o homem quem tomaria as escolhas, mas submetido a um conjunto de restrições geográficas.

Segundo o conceito da *causalidade geográfica na história universal*, as facilidades e dificuldades impostas pela geografia local influenciariam de forma decisiva a história dos agrupamentos humanos, e conseqüentemente no comportamento dos Estados, “modelando, em larga medida seu caráter nacional e desenvolvendo neles uma vocação predominantemente marítima ou continental”. (MELLO, 1999, p. 35)

Após o desenvolvimento dos conceitos *mundo como sistema político fechado e causalidade geográfica na história universal*, finalmente Mackinder pôde construir uma nova concepção histórico-geográfica inédita até então. Ele reelaborou as posições tradicionais de Continentes e Oceanos por uma outra concepção que levaria em conta a totalidade das massas terrestres e marítimas do planeta. A cartografia tradicional que dividia as massas terrestres em continentes e a superfície líquida em oceanos foi substituída por uma divisão mais simples que retirou a Europa da posição central do mapa cartográfico substituindo-a pela região pivô.

Para Mackinder, existiria apenas um único Grande Oceano (*Great Ocean*), ou seja, uma superfície líquida contínua que representava três quartos de todo o planeta. O outro um quarto de espaço restante da Terra correspondia à massa terrestre, dividida em uma grande Ilha Mundial (*World Island*) formada pelos Continentes Europeu, Asiático e Africano que corresponderiam a dois terços da superfície terrestre. Esta massa contínua de terras seria, para Mackinder, o único grande continente. O restante da superfície terrestre correspondia às ilhas continentes menores que gravitavam em torno da ilha principal, a *World Island*. Constituía estas ilhas menores os continentes da América do Norte, do Sul e a Austrália. Além destas ilhas continentes menores, a Inglaterra e o Japão seriam as ilhas contíguas da grande Ilha Mundial.

Além da preponderância territorial da Ilha Mundial, segundo Mackinder, esta extensa massa territorial contava com 85% da população mundial. Desta forma, a Ilha Mundial ocuparia uma posição central em relação às outras massas terrestres devido a sua extensa massa territorial e a sua grande densidade populacional.

É a partir desta nova concepção cartográfica que Mackinder questionou a centralidade histórica da civilização européia. Segundo o geógrafo britânico, a história e a política mundial estariam determinadas pela luta secular entre o grande núcleo interior da Eurásia e as regiões marginais menores das ilhas exteriores, "considerem a Europa e a civilização européia, em um sentido real, como o resultado da luta secular contra a invasão asiática". (MACKINDER, 1996, p. 138)

Historicamente, o processo civilizatório europeu não deveria mais ser visto como um processo endógeno e autocentrado iniciado pelos povos do mediterrâneo e seguido pelos países atlânticos. A partir desta nova concepção, a história européia seria subordinada a uma dinâmica mundial mais abrangente, a partir das invasões asiáticas dos nômades das estepes contra os povos sedentários da Europa. Neste sentido, a constituição da civilização européia, comprimida dentro do pequeno território peninsular, seria o resultado das reações dos povos sedentários da península da Eurásia contra o ataque dos povos nômades das estepes centrais da Eurásia:

*"Foi esta pressão (da invasão asiática) que empurrou os anglos e saxões através dos mares para fundar a Inglaterra; que uniu pela primeira vez, os francos, godos e funcionários romanos e os fez combater ombro a ombro contra os asiáticos no campo de batalha de Châlons, e assim se fundou a França moderna". (WEIGERT, 1944, p.137)*

Do ponto de vista geográfico, a Europa deixou de ser um continente isolado e tornou-se uma das penínsulas da Eurásia, e assim, os Montes Urais deixaram de separar e passaram a unir a Europa ao restante da Ásia. A partir de então, se poderia compreender a centralidade asiática a partir de sua dinâmica expansionista que acabou subordinando a história do Velho Mundo europeu.

De fato, a partir desta nova visão da história, foi possível compreender o conceito mais importante desenvolvido por Mackinder em sua obra "O Pivô Geográfico da História". Para o geógrafo britânico existia uma região central, um grande núcleo interno do continente. Esta região que foi denominada de 'área pivô' e posteriormente de 'coração continental' era circundada por quatro penínsulas: a China, a Índia, o Oriente Próximo e a Europa.

Segundo a descrição de Mackinder, o *coração continental* possuía três características físicas essenciais. A primeira característica da região pivô era ser a mais extensa região de planície do planeta, a segunda era a inacessibilidade

através dos mares para esta região, uma vez que seus rios desembocavam nos mares do interior da Eurásia ou nas costas do Oceano Ártico. Finalmente, a terceira particularidade física do *coração continental* era a topografia plana das estepes meridionais que facilitava a mobilidade dos povos nômades da Ásia.

Mackinder destacou que a Eurásia possuía 54 milhões de Km<sup>2</sup>, e a região pivô 23 milhões de Km<sup>2</sup>. No sentido norte-sul, o coração continental estendia-se das costas do oceano Ártico aos desertos e planaltos da Ásia Central, na direção leste-oeste, iria desde a Sibéria até o território russo situado entre os mares Branco e Cáspio. (MELLO, 1999, p. 46)

*"A terra contínua, delimitada pelo céu ao norte e pela água nas partes restantes, que mede 21 milhões de milhas quadradas (mais de três vezes a área da América do Norte), e cujo centro e o norte, medem 9 milhões de milhas quadradas (mais de duas vezes a área da Europa), não tem vias fluviais praticáveis até o Oceano". (WEIGERT, 1943, p. 140)*

Para Mackinder, todos estes aspectos físicos transformariam a região central asiática em uma fortaleza inacessível aos poderes marítimos e uma base segura de onde uma potência terrestre poderia se tornar uma potência anfíbia e posteriormente comandar todo o mundo.

## 2.3

### A Geopolítica do Petróleo no Golfo Pérsico

A discussão sobre geopolítica até aqui desenvolvida demonstrou que os fatores geográficos foram determinantes para definir a política externa e as relações de poder entre os diversos Estados do Sistema Internacional. A escolha da geopolítica para o estudo sobre as relações entre os EUA e a região do Golfo Pérsico foi justificada pela necessidade de compreender a influência da geografia sobre as decisões políticas entre estes Estados.

Como foi explicado anteriormente, este trabalho não optou por utilizar o conceito de geopolítica proveniente da Teoria do Estado Orgânico. Por outro lado, a Geoestratégia demonstrou possuir conceitos mais apropriados para o estudo do relacionamento entre os diversos atores do Sistema Internacional. Além da visão sistêmica que foi desenvolvida por Mackinder em 'O Pivô Geográfico da História', a escola da Geoestratégia apresentou um arcabouço teórico para o estudo do acesso a recursos naturais chamados de 'vitais' para os interesses dos Estados. Portanto, o conceito de geopolítica utilizado neste trabalho foi definido

por Zbigniew Brzezinski, um teórico contemporâneo da escola da Geoestratégia. Segundo Brzezinski, a geopolítica "refere-se à combinação de fatores geográficos e políticos que determinam a condição de um Estado ou região, enfatizando o impacto da geografia sobre a política" (BRZEZINSKI, 1986, p. 14), ou seja, as imposições geográficas influiriam diretamente sobre a política de um Estado ou ainda de uma região.

A definição de estratégia também foi retirada do trabalho de Brzezinski e referia-se a "aplicação ampla e planejada de medidas para alcançar um objetivo basilar ou a recursos vitais de importância militar". (Op.Cit.) Deste modo, a estratégia representaria a prática de uma série de medidas por parte do Estado de maneira a concretizar os seus objetivos estatais, incluídos aí o acesso a recursos vitais para este Estado. Neste trabalho, o petróleo foi recurso vital em análise, assim como a estratégia geopolítica utilizada pelos EUA para garantir o acesso às fontes de petróleo do Golfo Pérsico.

O acesso às fontes de petróleo internacionais constituía uma questão fundamentalmente geopolítica, uma vez que dependia necessariamente da localização geográfica do recurso natural e envolveria ao menos dois atores internacionais: o Estado que detinha o petróleo em seu território e o Estado carente de energia que precisava importar petróleo para assegurar a reprodução de sua economia. Este trabalho procura analisar as relações entre os EUA, o maior importador de petróleo mundial, e o Golfo Pérsico, região que detém a maior reserva internacional de petróleo mundial.

Dos três principais conceitos desenvolvidos por Mackinder <sup>14</sup> na sua obra 'O Pivô Geográfico da História', dois foram utilizados neste trabalho. O primeiro conceito utilizado foi o *mundo como sistema político fechado*. A partir deste conceito, Mackinder procurou demonstrar que com o fim da denominada Era Colombiana, o mundo não teria mais para onde expandir, o sistema político mundial estaria fechado e todas as crises em vez de ficarem restritas a sua região de origem se refletiriam em todo o mundo.

Este conceito foi utilizado para analisar como crises políticas inicialmente regionais como a Guerra Irã-Iraque e a Guerra do Golfo trouxeram conseqüências

---

<sup>14</sup> Os três conceitos desenvolvidos por Mackinder são: 1) o mundo como sistema político fechado, 2) a causalidade geográfica na história universal, e 3) a rivalidade Oceanismo versus Continentalismo. MELLO, 1999, p. 27.

para grande parte do mundo. Segundo Mackiner, desde o fim da Era Colombiana, a relação de complementaridade entre os diversos Estados do Sistema Internacional determinou que eventos regionais tivessem agora repercussão mundial.

O segundo conceito que foi utilizado do trabalho de Mackinder foi o da *causalidade geográfica na história universal*; segundo Mackinder, a história das sociedades estaria condicionada pelas características geográficas do meio ambiente, como o espaço, a posição, o relevo, o clima e os recursos naturais de sua base territorial. Neste trabalho a utilização deste conceito foi fundamental para explicar em que medida a presença de petróleo no território do Golfo Pérsico condicionou a emergência dos três conflitos em estudo e a participação dos EUA nestes conflitos.

Finalmente, a teoria do *coração continental*, a maior contribuição de Mackinder para a geopolítica, também foi utilizada neste trabalho. Além de ser um conceito geográfico, com limites físicos demarcados no mapa da Eurásia, o *coração continental* era também uma referência estratégica para a política externa de diversas potências mundiais. Esta região pivô que se situaria dentro da Eurásia, abrangia 23 milhões de km<sup>2</sup>. Brzezinski (1997, p.50) destacou que "depois dos EUA, as seis maiores economias e poderes militares estão na região da Eurásia" e esta região "conta com 75% da população mundial, 60% do PIB, e 75% dos recursos energéticos".

O conceito de 'coração continental' foi adaptado e utilizado neste trabalho para demarcar a área formada pelos Estados do Golfo Pérsico que representariam o *coração energético mundial*.<sup>15</sup> Assim como o 'coração continental' desenvolvido por Mackinder, o coração energético mundial também possuiria importância estratégica para as potências mundiais desde que o petróleo se consolidou como a principal fonte energética da sociedade moderna.

A importância do Golfo Pérsico reside em fatores geográficos, ou mais precisamente geológicos, cerca de 62% das reservas provadas de petróleo se encontram na região. Além disso, acredita-se que novas reservas serão encontradas no futuro, "muitos geólogos acreditam que futuras descobertas irão adicionar novas jazidas à região". (KLARE, 2002, p. 54) As jazidas de petróleo no

---

<sup>15</sup> O termo *oil heartland* foi utilizado no trabalho de Melvin A. Conant referindo-se à região do Oriente Médio. CONANT, 1991, p. 3.

Golfo encontram-se tão concentradas e próximas da superfície que significa que esta é a região mais fácil de se encontrar e de se produzir petróleo no mundo.

Tabela 1– Produção e reservas de petróleo no Golfo Pérsico (2004)

País	Produção mbd	Porcentagem no mundo da produção	Reservas provadas bbl	Porcentagem no mundo das reservas
Irã	4.081	5,20%	132.5	11,10%
Iraque	2.027	2,60%	115.0	9,70%
Kuwait	2.424	3,10%	99.0	8,30%
Omã	0.785	1%	5.6	0,50%
Qatar	0.99	1,20%	15.2	1,30%
Arábia Saudita	10.584	13,10%	262.7	22,10%
Emirados Árabes Unidos	2.667	3,30%	97.8	8,20%
Iêmen	0.429	0,50%	2.7	0,20%
Outros	0.048	0,10%	0.1	-
Total	24.571	30,70%	733.9	61,70%

Fonte: BP Amoco, Statistical Review of World Energy 2005

bbl = bilhões de barris

mbd = milhões de barris por dia

Detendo dois terços das reservas de petróleo, a importância geopolítica do Golfo Pérsico tornou-se notória. Esta região concentra cinco dos Estados que mais produzem petróleo no mundo, e muitos dos fornecedores secundários de petróleo do mercado internacional. A Arábia Saudita possui a maior reserva de petróleo mundial com 262,7 bilhões de barris (bbd) em reservas provadas, representando 22% das reservas mundiais. Depois da Arábia Saudita viriam ainda mais quatro países com grandes reservas de petróleo: o Irã (132.5 bbd), o Iraque (115 bbd), o Kuwait (99 bbd) e os Emirados Árabes Unidos (97.8 bbd). O Golfo Pérsico ainda possui alguns dos fornecedores secundários de petróleo, como Bahrain, Omã, Qatar e Iêmen. Em 2004, estes nove Estados juntos possuíam 733.9 bilhões de barris de petróleo de reserva provada (61,7% das reservas mundiais) e produziram 24.6 milhões de barris por dia, o que equivale a 30% da produção mundial de petróleo.

Segundo Michael Klare, o fator chave para compreender o caráter único do Golfo Pérsico era as reservas de petróleo. (Op.Cit., p.55) Com as reservas de 733.9 bbd somadas com uma quantidade de reservas ainda não descoberta, o *coração energético mundial* poderia manter altas taxas de produção petrolífera e

ainda aumentá-las por décadas, sem comprometer suas reservas. Já outras regiões do mundo que produzem muito petróleo como o Golfo Pérsico, ao manterem os atuais níveis de exploração, teriam suas reservas totalmente consumidas em pouco tempo. No caso americano, por exemplo, se for mantida a atual taxa de produção de 2.8 bilhões de barris por dia, considerando as reservas do ano de 2000 de 28.6 bilhões de barris, as reservas americanas seriam totalmente consumidas até 2010. (Op.Cit.)

Devido a abundante reserva de petróleo do Golfo Pérsico, a dependência dos Estados importadores de petróleo da região tende a aumentar com o passar do tempo. O caráter único do Golfo faz com que muitos Estados do Sistema Internacional desenvolvam políticas especiais para a região, como forma de manter o acesso às fontes de petróleo, garantindo assim, o suprimento energético necessário para a reprodução de suas economias. Os EUA não são exceção, como maiores consumidores e importadores de petróleo mundial, os sucessivos governos americanos possuem como prioridade estratégica manter o acesso às fontes de petróleo do Golfo Pérsico, "o mercado norte-americano constitui um pouco mais de um quarto do mercado mundial de petróleo, enquanto suas importações representam 15% da produção mundial". (MOUTINHO DOS SANTOS, 2003, p. 105) Deste modo, o *coração energético mundial* exerce um papel fundamental na política de segurança energética dos EUA.

## **2.4 A Geopolítica Americana**

Para entender o envolvimento dos EUA no Golfo Pérsico foi necessário compreender o interesse nacional americano. Segundo Robert Art (1998/99, p. 83) determinar o interesse nacional deveria ser a tarefa central para uma boa estratégia de ação. A forma como uma nação definiria seu interesse iria determinar o curso da política internacional e moldaria os meios utilizados para que o Estado alcançasse seus objetivos. Os interesses nacionais se dividiriam em dois grupos distintos: os interesses vitais e os interesses desejáveis.

Os interesses vitais seriam aqueles que "custam a Nação algo entre severo e catastrófico se não forem protegidos, e cujos benefícios são muitos, se protegidos". (Op.Cit.) A defesa do território nacional seria o interesse vital mais

importante, uma vez que dele dependeriam todos os demais interesses. Os interesses desejáveis seriam aqueles cuja realização contribuiria, de forma adicional, para a prosperidade dos EUA, no entanto, a não realização destes interesses ocasionaria um custo, mas não muito severo.

Para efeito de análise, foi utilizado apenas o interesse nacional *vital* americano. Segundo a classificação de Art, um dos três interesses nacionais vitais<sup>16</sup> dos EUA era impedir que as reservas de petróleo do Golfo Pérsico ficassem sob o domínio de uma só potência regional, ou seja, que um dos Estados do Golfo exercesse algum tipo de liderança na região, fosse através do uso da força ou através da ameaça do uso. Segundo Art, os EUA deveriam manter as reservas de petróleo do Golfo Pérsico divididas em ao menos quatro Estados regionais.

O interesse nacional vital americano visava evitar interrupções severas de combustíveis nas economias americana e mundial, isto porque cortes no suprimento energético gerariam sérias conseqüências sobre a política e economia dos países industrializados. Além disso, era necessário assegurar uma quantidade mínima de suprimento de petróleo que mantivesse a economia nacional dos países importadores funcionando plenamente, já que "existe um nível de importações abaixo do qual a segurança nacional é colocada em risco". (CONANT, 1991, p.20)

Finalmente, além de garantir um suprimento de energia *suficiente e contínuo*, seria também fundamental garantir que a energia fosse vendida a preços '*razoáveis*', ou seja, que o preço pago pelos Estados carentes de energia não fosse o produto de especulações por parte dos países fornecedores da matéria-prima, mas que ao mesmo tempo, remunerasse o valor da escassez do petróleo. Para compreensão da volatilidade do preço do petróleo em decorrência de crises políticas na região do Golfo, bastaria verificar os preços: em 1986, o preço do petróleo era de US\$10/ barril; durante a Guerra do Golfo em 1991, os preços subiram acima de US\$30/ barril. Posteriormente, em 1998, os preços voltaram a cair para US\$10/ barril, em 2000 e 2003 os preços tiveram uma nova ascensão

---

<sup>16</sup> Os outros dois interesses nacionais vitais dos EUA eram: 1- prevenir que armas de destruição em massa caíssem em "mãos erradas" e, 2- manter a paz entre os grandes poderes da Eurásia. ART, 1993, p. 84-92.

brusca passando de 30 US\$/ barril devido à nova crise no Iraque, só que agora envolvendo diretamente os EUA. (MOUTINHO DOS SANTOS, 2003, p.102)

Segundo Conant, o fator mais difícil de definir com relação aos interesses dos países importadores de petróleo seria exatamente a manutenção de preços "razoáveis":

*"A energia importada deve ser obtida a preços 'razoáveis' \_ o mais difícil de ser definido dos três aspectos. É evidente que o preço pago deve guardar alguma relação com o custo de formas alternativas de energia, tanto disponíveis como planejadas. O preço deve também refletir o fato de que as atuais fontes de energia não são renováveis e que suas reservas estão diminuindo".* (CONANT, 1991, p. 20)

Estes três interesses, garantir um suprimento de energia *suficiente e contínuo* a preços *razoáveis*, seriam compartilhados por todos os países que necessitavam importar petróleo no mercado mundial, e os EUA, como maior consumidor e importador de petróleo do mundo, deveriam assegurar a manutenção destes interesses energéticos, para não se tornarem vulneráveis aos interesses dos países fornecedores de petróleo do mercado mundial. "É esta vulnerabilidade a interrupções do suprimento, que dá aos Estados fornecedores uma poderosa arma contra os países que dependem de energia importada". (Op.Cit.)

A lógica para justificar a preocupação com o petróleo da região do Oriente Médio por parte dos EUA residia em ao menos quatro fatores apontados por Art. O primeiro fator era a dependência por petróleo dos EUA e de outras economias industrializadas nas próximas décadas. A dependência americana pela importação de petróleo correspondia a 25% do seu consumo diário em 1973, 53% em 1998 (Art, 1998/99, p. 93) e em 2003 correspondia a 62% do seu consumo diário.<sup>17</sup> Segundo Art, devido a forte dependência americana por fontes energéticas fósseis, os EUA ainda estariam muito vulneráveis a interrupções no abastecimento de petróleo oriundos da região do Golfo.

O segundo fator que explicaria a preocupação americana com as fontes petrolíferas da região do Golfo era que apesar das últimas descobertas de reservas de petróleo mundiais, o Golfo Pérsico continuava tendo a maior fatia das reservas provadas de petróleo do mundo e uma reserva significativa de gás natural. A primeira maior reserva petrolífera mundial era da Arábia Saudita e a segunda do

---

<sup>17</sup> Os EUA importaram 12.2 MMBD em 2003. EIA, 2005.

Canadá, os EUA possuíam 22,7 bilhões de barris de reservas provadas de petróleo e assumiam a décima primeira posição no ranking mundial de reservas. (EIA, 2005) Além disso, a posse de grandes reservas de petróleo ofereceria um grande poder de mercado para o Golfo, uma vez que, esta região, ou mesmo Estados isolados como a Arábia Saudita, teriam a capacidade de interferir na oferta de petróleo mundial afetando o suprimento energético e os preços internacionais.

O terceiro fator era que apesar dos EUA importarem relativamente pouco petróleo do Golfo Pérsico, ele ainda continuaria muito dependente dos acontecimentos desta região. O maior exportador de petróleo para os EUA era o Canadá com 2.1 mbd, o segundo maior era a Arábia Saudita com 1.8 mbd, somente um quinto do total das importações americanas eram provenientes do Golfo Pérsico. (ART, 1998/99, p. 93) No entanto, o fato dos EUA importarem a maior parte de petróleo do Ocidente não significava que o Golfo Pérsico teria menos importância para a política americana. A região do Golfo Pérsico era a responsável pela maior parte do abastecimento energético do Ocidente, ou seja, pelo abastecimento dos aliados dos EUA, desta forma, o corte no abastecimento de petróleo oriundo do Golfo representaria uma crise na economia de diversos Estados, o que prejudicaria também a economia americana.

Isto acontece porque o mercado mundial de petróleo é muito competitivo e integrado, isto quer dizer que o preço mundial do barril só é determinado a partir da oferta total de petróleo mundial. Portanto uma interrupção no fornecimento de petróleo de algum dos países do Golfo significaria uma queda na oferta de petróleo no mercado mundial, geraria uma corrida por parte dos Estados que importam petróleo por outras fontes de abastecimento, e assim elevaria os preços internacionais do barril. Desta forma, como o Golfo Pérsico é um grande exportador de petróleo mundial, qualquer aumento ou queda na produção que ocorra nesta região, vai afetar rapidamente a oferta de petróleo nos mercados mundiais, gerando crises políticas e queda no bem-estar econômico dos Estados dependentes de energia importada.

De forma complementar ao argumento anterior, o petróleo é um recurso natural no qual a demanda é extremamente inelástica no curto e no médio prazo. Isto significa que se a oferta diminuir devido a uma interrupção no abastecimento de petróleo do Golfo Pérsico e o preço aumentar significativamente, ainda assim a demanda por petróleo vai permanecer praticamente a mesma, gerando uma crise

de abastecimento mundial. Isto ocorre porque toda a tecnologia atual foi construída para utilizar fontes energéticas oriundas do petróleo, e mesmo com um corte na oferta seria necessário muito tempo para que os parques industriais dos Estados se adaptassem a uma nova tecnologia.

As necessidades energéticas do planeta ainda são basicamente atendidas através do petróleo que corresponde a 40% do consumo energético mundial, e segundo a World Energy Outlook (2001), o petróleo deve manter esta liderança global até 2020, crescendo a uma taxa de 2% ao ano. Segundo Moutinho dos Santos, o consumo de petróleo continuará crescendo no horizonte temporal de médio prazo porque seria "muito pouco provável que qualquer combustível alternativo possa substituir, em grande escala, a gasolina, o diesel ou a querosene de aviação nos diferentes segmentos de transporte". (MOUTINHO DOS SANTOS, 2003, p.102)

Finalmente, o quarto fator que inseriu o petróleo do Oriente Médio dentro das prioridades da política externa americana era a crença de que o acesso ao petróleo do Golfo Pérsico seria feito de forma mais segura caso as reservas estivessem divididas entre muitos Estados preferencialmente. Segundo os interesses americanos, quanto maior o número de atores envolvidos na região, menor a possibilidade de formação de cartéis, e conseqüentemente de interrupções no abastecimento de petróleo nos mercados mundiais. Isto significaria dizer que não seria interessante para os EUA que algum Estado da região do Golfo Pérsico se fortalecesse e viesse a se tornar um hegemôn regional ou ainda que um grupo de Estados compartilhasse a liderança regional, porque isto ameaçaria as aspirações de poder americana na região.

A estratégia geopolítica utilizada pelos EUA, para não permitir a presença de um hegemôn na região do Golfo Pérsico foi denominada por Brzezinski de *pluralismo geopolítico*. O conceito de *pluralismo geopolítico* foi utilizado por Brzezinski para toda a região da Eurásia, porém será utilizado neste trabalho para analisar especificamente a região do *coração energético mundial*:

*"Esta estratégia (pluralismo geopolítico) recompensará a manobra política e a manipulação diplomática, prevenindo a emergência de uma coalizão hostil que possa transformar a primazia americana, não permitindo nem mesmo a remota possibilidade que algum Estado procure fazer isto".* (BRZEZEINSKI, 1997, p. 51)

Segundo Brzezinski, a política externa americana teria que assegurar que nenhum Estado, ou ainda uma coalizão de Estados tivesse o poder de retirar os EUA da região, ou mesmo de diminuir o seu ‘papel decisivo’ na Eurásia. (Op.Cit.) O pluralismo geopolítico seria, além de um conceito teórico, uma ‘norma de ação’ para conduzir a política externa americana. Assim, os EUA deveriam exercer sua força com vistas a manter um equilíbrio de poder na região do Golfo Pérsico.<sup>18</sup> Pode-se constatar esta estratégia americana a partir dos anos de 1970, "primeiro intercedendo junto ao Irã quando o Iraque parecia mais forte, depois, intercedendo junto ao Iraque quando o Irã parecia mais forte, e todo o tempo protegendo o petróleo do Kuwait e da Arábia Saudita do domínio do Iraque e do Irã". (ART, 1998/99, p. 94 –95)

Para garantir os interesses geopolíticos dos EUA na região do Golfo Pérsico, Art destacou que seria preciso a presença militar americana na região. Se a manutenção da *pax* americana não fosse assegurada através de meios diplomáticos e econômicos, a partir de então seria ‘aconselhável’ utilizar a força para garantir os interesses geopolíticos norte-americanos na região. Segundo Art: "as reservas de petróleo do Golfo Pérsico são muito importantes para serem deixadas sob as forças do mercado apenas, e muito valiosas para permitir que um ou dois hegemonias locais as controlem". (Op.Cit.)

Deste modo, durante a Guerra Irã-Iraque, a Guerra do Golfo e na invasão americana ao Iraque em 2003 foi possível verificar a presença da estratégia americana do *pluralismo geopolítico* para a região do *coração energético mundial*.

## 2.5 Conclusão

Para a compreensão da estratégia política americana para a região do Golfo Pérsico, a abordagem geopolítica demonstrou possuir um grande poder explicativo uma vez que considera a preponderância dos fatores geográficos para a formulação de estratégias dos Estados. Deste modo, a presença do petróleo na região do Golfo seria um fator fundamental para explicar a política empreendida

---

<sup>18</sup> Neste trabalho, a expressão ‘equilíbrio de poder’ significa que o poder é distribuído entre várias nações, com uma igualdade aproximada. MORGENTHAU, 2003, p. 321.

pelos EUA nas Guerras Irã-Iraque, do Golfo e na invasão americana ao Iraque em 2003.

Os conceitos de geopolítica formulados por Mackinder da *causalidade geográfica na história universal* e do *mundo como sistema político fechado* puderam elucidar como a presença geográfica de petróleo na região do Golfo influenciou a história entre os Estados da região e entre os demais Estados do Sistema Internacional. A visão sistêmica desenvolvida por Mackinder revolucionou as concepções de mundo de sua época e permitiu o desenvolvimento de uma teoria mais complexa que abrangeria as relações entre todas as regiões do globo.

Deste modo, seria possível compreender como crises ocorridas em uma determinada parte do mundo, influenciariam outras regiões ainda que distantes geograficamente. A complementaridade entre os Estados da sociedade moderna e a necessidade vital de garantir o acesso às fontes de petróleo justificaram a participação ativa dos EUA junto à região do Golfo Pérsico. A política americana procurou impedir a formação de uma potência regional no Golfo como forma de manter o fluxo de abastecimento de petróleo com as fontes de petróleo do Golfo Pérsico.

Finalmente, a presença da maior reserva provada mundial de petróleo no território do Golfo Pérsico e a previsão de aumento destas reservas no futuro, garantiu a região à denominação de *coração energético mundial*. Tal conceito, desenvolvido a partir da teoria do ‘coração continental’ de Mackinder, explicava que a concentração de recursos energéticos tornaria esta região um alvo preferencial para as estratégias geopolíticas de diversos Estados dependentes destas fontes petrolíferas.

Conseqüentemente, os EUA possuíam como um de seus interesses nacionais vitais, impedir que um determinado Estado da região se tornasse um hegemôn e com isso desafiasse a preponderância americana na região. Para assegurar seu interesse vital, os EUA utilizaram a estratégia do pluralismo geopolítico que permitia o uso de armas diplomáticas, econômicas e, se necessário, até o uso da força para impedir a formação de uma liderança na região do *coração energético mundial*.